



## CATADORES DE LIXO: Trabalho Informal que nutre a Produção Formal

Jackson Vital Souto<sup>1</sup>  
Josimery Amaro de Melo<sup>2</sup>  
Maria Augusta Tavares<sup>3</sup>

### RESUMO

Este artigo trata do fenômeno da reciclagem central nas discussões socioambientais e acadêmicas, fruto de nosso projeto de mestrado, nosso objeto principal diz respeito ao processo em que os materiais recicláveis adquirem importância para o Estado e para a indústria. Sob modalidades diversas a atividade de coleta dos materiais recicláveis tem em comum a disseminação de um discurso: gerar emprego preservando o meio-ambiente. Pergunta-se, se a realidade o comprova. A pesquisa encontra-se em desenvolvimento, logo os resultados verificados são preliminares, o universo da pesquisa é composto por 204 catadores que formam os quatro núcleos de coleta seletiva de João Pessoa.

**Palavras-chave:** Trabalho; Recicláveis; Catadores; Capitalismo; Estado.

### ABSTRACT

This article addresses the phenomenon of the recycling center on social and academic discussions the outcome of our master's project, our main object is the process in which recyclable materials gain importance for the state and for the industry. Under the activity of various methods of collecting recyclable materials is common in the spread of a speech: create jobs while preserving the environment. Question, if the reality shows. The research is in development, once the preliminary results are verified, the universe of the research consists of 204 collectors that form the four nuclei of selective collection of João Pessoa.

**Keywords:** Work; recyclable, Collectors, Capitalism, State

---

<sup>1</sup>Geógrafo e Administrador- Mestre em Administração-Docente da Universidade Federal da Paraíba.E-Mail: geografandosouto@gmail.com

<sup>2</sup>Assistente Social; Mestranda em Serviço Social - UFPB E-Mail: jhosimery@gmail.com

<sup>3</sup>Doutora em Serviço Social- Docente da Universidade Federal da Paraíba.E-Mail: guga2004@uol.com.br

## 1 INTRODUÇÃO

O sistema capitalista foi ontologicamente criticado por Karl Marx, no século XIX e seus estudos permitem analisar a sociedade capitalista até os dias atuais. Na contemporaneidade, seus conflitos se cristalizam de forma mais perversa e contraditória, à medida que grande parte dos trabalhadores tem sido expulsa do mercado formal de trabalho, para serem mais duramente explorados, agora informalmente. Estes dão origem a uma categoria de trabalhadores informais, que participam do processo de acumulação capitalista, como defende Tavares( 2004). A nosso ver, faz parte dessa informalidade uma forma de trabalho típica do atual momento histórico: o catador de resíduos recicláveis.

A questão do lixo vem se tornando um problema mundial, mormente quando já se anunciou a crise ambiental e os efeitos por ela trazidos. Surgem dessa problemática varias questões, dentre elas, o que fazer com o lixo descartado pela sociedade. Reciclar tem sido a saída. Para que esse fenômeno se propague e se desenvolva promovendo um novo lucro ao capital é necessário à figura do catador de resíduos recicláveis, artífice principal da cadeia produtiva da reciclagem: coleta, transformação e retorno ao mercado com novo valor de troca. Esse fenômeno constitui o nosso objeto de pesquisa para o mestrado em Serviço Social. Pretende-se analisar a organização do trabalho dos catadores de resíduos recicláveis dos núcleos de coleta seletiva da cidade de João Pessoa - PB, tendo em vista a apreensão dos nexos econômicos e políticos que consubstanciam a relação entre trabalho, capital e Estado.

O lixo com pretensões a reciclagem, vem sendo um dos *marketing* que o capital criou para anunciar que respeita e promove o exercício de um meio ambiente sadio. No entanto, o motor desse negócio é o lucro. E pela natureza da atividade, são exatamente indivíduos a quem não resta mais nenhuma alternativa de ingresso no mercado de trabalho,

que vão ser explorados informalmente pelo capital. O capital ganha com a cata de recicláveis e com a diminuição dos gastos que teria com energia, água e a matéria-prima (*in natura*), fontes naturais e substanciais na criação de suas mercadorias, embora a indústria capitalista participe como se estivesse interessada na preservação ambiental, o que não invalida o mau uso que algumas indústrias fazem do meio-ambiente. Portanto, não nos parece que o modo de produção capitalista visa extinguir as causas do problema ambiental, quando muito seus efeitos. E, na “solução” destes o capital consegue adquirir bônus diversos, inclusive com o “selo verde” e a alcunha de “amigo da natureza”.

Já não se tem qualquer dúvida quanto ao interesse da indústria pelos recicláveis, uma vez que estes substituem determinadas matérias-primas, com as seguintes vantagens: podem ser adquiridos por um custo mais baixo e, ainda permitem ao capital propagar o seu protagonismo no chamado desenvolvimento sustentável e gerar emprego para uma população sem quaisquer chances de ingresso no mercado de trabalho, revelando a face da “responsabilidade social” da produção capitalista, que tenta se legitimar como a organização por excelência da história da humanidade.

Somos pela hipótese que os catadores de resíduos recicláveis estão entre os trabalhadores que constituem essa “nova informalidade”<sup>4</sup>. Desprovidos de quaisquer meios para a mera sobrevivência vão à busca de resíduos da produção capitalista, objetos que depois de passarem pelo lixo são, novamente, devolvidos à população, em forma de mercadoria. Em sendo assim, a sua atividade demonstra ser funcional ao fim capitalista. Contudo, o uso dessa força de trabalho tem sido tratada como se fosse uma benesse do Estado e do capital. Se a nossa hipótese for verdadeira, capital e Estado assumirão suas reais funções.

---

<sup>4</sup>Objeto de estudo de Tavares, em Os fios (in)visíveis da produção capitalista, 2004.

## 2. DESENVOLVIMENTO

### 2.1. Produção destrutiva e reciclagem

Estudiosos de varias especialidades vêm pensando em soluções para minorar os impactos ambientais em nosso planeta. No entanto, o sistema de produção capitalista impõe barreiras a certas medidas, por considerar o alto custo financeiro que o tratamento do lixo impõe e porque as soluções propostas afetam diretamente determinados processos produtivos. A “saída” encontrada, pelo menos no que tange ao lixo, foi a reciclagem. Trata-se de uma forma lucrativa utilizada pelo capital para dar um destino “salutar” ao lixo e poder garantir uma melhor qualidade de vida à sociedade moderna, que consome em velocidade e abundância extrema. Ledo engano achar que o modelo de produção capitalista viu na reciclagem apenas o fator “melhor qualidade de vida” para a sociedade. O capital usurpa da natureza sua riqueza sem nenhum retorno benéfico, pois seu principal objetivo é enriquecimento e o lucro.

A reciclagem nasce para o capital com a finalidade do lucro: a mercadoria que é consumida e descartada nas formas de plástico, papel, vidro, metal, alumínio etc., é reutilizada e reaproveitada ao retornar à indústria como matéria prima reciclável para ser transformada numa nova mercadoria que vai propiciar extração de mais-valia e garantia de lucro para a produção capitalista. O uso da força de trabalho do catador garante ganhos ao capital e o legitima, na medida em que, graças a esse processo são propagados a geração de emprego e renda e a preservação do meio-ambiente. Não se alude ao processo que origina a destruição do meio-ambiente e que gera o desemprego.

A reciclagem vista como possibilidade de recuperação lucrativa dos resíduos sólidos para o circuito do consumo das mercadorias, nos conduz a uma desmistificação com relação aos ganhos ambientais por ela proporcionados, já que, seu principal estímulo é a obtenção do lucro e não a preservação ambiental, que para a sociedade sob a égide do capital, é uma situação contraditória, pois como preservar e estimular o consumo ao mesmo tempo? (LEAL et al, 2002, p. 179).

O catador é explorado duplamente, pelo capital e pelo Estado. Inserido na informalidade, tem que vender seus achados a preços irrisórios, enquanto o atravessador repassa a mercadoria com um valor adicionado à indústria que, por sua vez, transforma a mercadoria descartada em um novo produto comercializável e com um sobrevalor agregado. Entrecruzam-se o valor de uso e o valor de troca: a mercadoria reciclada que antes já foi valor de uso, adquirida pela troca, volta a ser valor de uso pela interferência mágica de tornar-se novamente valor de troca e retornar ao mercado.

As mercadorias vêm ao mundo sob a forma de valores de uso ou de corpos de mercadorias, como ferro, linho, trigo etc. Essa é a sua forma natural com que estamos habituados. Elas só são mercadorias, entretanto, devido à sua duplicidade, objetos de uso e simultaneamente portadores de valor. Elas aparecem, por isso como mercadoria ou possuem a forma de mercadoria apenas na medida em que possuem forma dupla, forma natural e forma de valor (MARX, 1988, p. 53).

Os materiais recicláveis só interessam ao capital porque carregam a possibilidade de tornar-se valor de uso enquanto suporte do valor de troca. Sem que disso tenha consciência, o catador co-participa do processo de limpeza urbana e também do processo de produção capitalista. No entanto, não é reconhecido nem como empregado do Estado nem do capital. No máximo, os catadores são reunidos em associação pelo Estado para servirem ao capital. O que sabem eles sobre essa organização social? E sobre seus direitos sociais, sua vinculação ou (des)vinculação ao mercado informal/formal?

O fenômeno da reciclagem proporcionou um aumento do contingente populacional que vive da cata do lixo. No ano de 2001, estimava-se que 500 mil pessoas catavam lixo no Brasil, segundo Mota (2002, p.10). Hoje, informações da Cáritas brasileira e do Movimento Nacional dos Catadores - MNC dão conta que esse número aumentou para 800.000 mil pessoas e na cidade de João Pessoa. Dados da Autarquia Especial de Limpeza Urbana - EMLUR apontam para aproximadamente duas mil pessoas vivendo da coleta de recicláveis.

Os catadores estão na ponta do processo de reciclagem, que começa na rua e termina na fábrica. De acordo com Mota (Op. Cit.) há uma

espoliação destes trabalhadores que na informalidade “obedecem” às regras do mercado e do Estado, mesmo não estando vinculados diretamente a nenhum dos dois. “O trabalhador de rua materializa na sua atividade um trabalho duplamente explorado, pelas empresas de reciclagem e pelo próprio Estado” (MOTA, 2002, p, 14). O Estado através das instituições urbanas públicas, sob o discurso da preservação ambiental ou da política social, media esse processo de produção de mercadorias [...] Ao fazê-lo também estas instituições se apropriam do trabalho do catador de lixo, integrando-os aos serviços de limpeza urbana (Idem, ibidem).

Por entendermos que a crise ambiental é determinada pela natureza da produção capitalista, consideramos que as medidas voltadas para seu enfrentamento longe de estabelecer limites à produção destrutiva, revelam a tendência de transformá-la numa destruição produtiva [...] a administração de suas seqüelas consolidam novas estratégias de acumulação (MÉSZAROS *apud* MOTA, 2002, p.11).

A ânsia desenfreada pelo lucro exauriu da natureza suas forças, provocando um medo eminente de um dia estes recursos naturais não serem mais acessíveis. Teria sido este um fator de aceleração do uso de recicláveis na indústria dos reciclados? De repente, o capital teria passado a se preocupar com o futuro do planeta? Ou, confirmando a sua velha lógica, usar os recicláveis é garantia de maiores níveis de acumulação? O que parece é que, para o mercado, reciclar significa, além de ganhar concorrencialmente, também adquirir créditos no quesito qualidade na gestão socioambiental.

Neste contexto, em que, por um lado, o meio ambiente pede socorro e, por outro, a indústria se interessa pelos materiais recicláveis, surgem os catadores. Essa população tem crescido gradativamente nas grandes, médias e pequenas cidades, formando assim um novo contingente de pessoas, que catando recicláveis nas ruas, para serem transformados em novas mercadorias para o capital, consegue, embora de forma precária, comprar as mercadorias, que se constituem valores de uso necessários à sua sobrevivência.

## CONCLUSÃO

As associações de catadores vêm sendo criadas pelo Estado e por ele mantidas. Fala-se da autonomia dos catadores, mas esta é questionável, mesmo do ponto de vista do que se convencionou como tal. A administração pública está em todos os espaços: o Estado, representado pela EMLUR, cria e faz pacto com a Associação dos Trabalhadores de Materiais Recicláveis – ASTRAMARE e Acordo Verde, não permitindo sua livre associação.

O desemprego, o trabalho informal e precarizado são expressões da questão social, da qual decorrem muitas outras, pois se a única mercadoria vendável do trabalhador é a sua força de trabalho e ele não tem a quem vendê-la, seu acesso à sobrevivência fica interditado. O capital se vale da sua dominação para impor aos trabalhadores atividades degradantes como trabalhar no lixo e outras tantas, a maioria na informalidade. No entanto, tais práticas são realizadas sob a designação de “autonomia” e de “livre associação”.

No caso em debate, não parece que o Estado assuma a perspectiva do trabalho, nem que queira romper com o sistema. Como de praxe, o Estado busca manter a ordem, a segurança e a propriedade privada, mas não incentiva, nem de longe, os trabalhadores a pensarem acerca da sua função social, menos ainda nos nexos existentes entre a sua atividade e os ganhos da indústria. Segundo Marx, “As sociedades cooperativas e [associativas] atuais, estas só tem valor enquanto são criações independentes, realizadas pelos trabalhadores e não são protegidas nem pelos governos nem pelos burgueses” (2001, p. 120).

Que espécie de associativismo está sendo praticado na relação Estado-catadores? Por que os catadores não se associam livremente? Por que não são capacitados a defender os seus interesses sozinhos, mesmo dentro da lógica burguesa? Todas essas perguntas carecem de respostas, que esperamos nos sejam dadas pela pesquisa. Uma única coisa pode-se afirmar: o associativismo burguês não pretende a promoção humana. Estando o Estado

inserido no processo, os resultados de sua ação podem ser quaisquer outros menos a livre associação ou liberdade.

Nossa aproximação com a realidade ainda não é suficiente para fazer afirmações conclusivas. Como foi referenciado este artigo é fruto do nosso projeto de pesquisa, no qual expressamos hipóteses, fundadas na teoria marxista, que serve de fundamento à análise. Estamos, portanto, nos propondo a investigar o fenômeno, através de todos os atores envolvidos: catadores, indústria e Estado. Espera-se desvelar as relações que articulam tais instâncias.

## REFERENCIAS

Brasil é líder mundial na reciclagem de latas, diz OIT; setor emprega 500 mil. Disponível em:< [http:// www.uol.com.br/empregos](http://www.uol.com.br/empregos) > Acesso em 24/09/2008

EMLUR. Convênio nº 003/2005. João Pessoa - PB

GONÇALVES, Pólita. **A reciclagem Integradora dos Aspectos Ambientais, Sociais e Econômicos**. Rio de Janeiro: DP&A: FASE, 2003.

LEAL, Antonio Cezar. THOMAZ JÚNIOR, Antonio. ALVES, Néri. Et. all. A reinserção do lixo na sociedade do capital: uma contribuição ao entendimento do trabalho na catação e na reciclagem. **Revista Terra Livre**. São Paulo: Ano 18 n 19, jul./dez. 2002.

LIMA, Giovanny de Sousa. **O processo de sobrevivência política dos catadores de lixo de João Pessoa**. Dissertação (Mestrado). João Pessoa UFPB. 2001.

MARX, K. & ENGELS, F. **Manifesto do Partido Comunista**. Porto Alegre: L&PM. 2001.

\_\_\_\_\_, Karl. **O Capital**. São Paulo: Nova Cultural, 1988. Vol. I, Livro I.

\_\_\_\_\_. "Crítica ao programa de Gotha": Comentário à margem do Programa do partido Operário Alemão. In Marx, K. & ENGELS, F. **Manifesto do Partido Comunista**. Porto Alegre: L&PM, 2001.

MOTA, Ana Elisabete. Entre a Rua e a Fábrica: Reciclagem e Trabalho Precário. Revista: **Temporais**. Brasília: Ano 3, nº 6, julho/dezembro de 2002.

MOTA, Ana Elisabete. SILVA, Maria das Graças. VALENÇA, Marcela. BEZERRA, Paula. Reciclagem como expressão do capitalismo



contemporâneo: apropriação e precarização do trabalho do catador de resíduos sólidos. **Anais do IX ENPESS**. ABEPSS, 2004.

TAVARES, Maria Augusta. **Os fios (in)visíveis da produção capitalista: Informalidade e precarização do trabalho**. São Paulo: Cortez, 2004.